



Diário Económico

05-09-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18714

Temática: Economia

Dimensão: 255

Imagem: S/Cor

Página (s): 3/21



António Rebelo de Sousa

A recuperação

É indispensável pensar, de forma responsável, nas alternativas existentes, num projecto de sociedade assente no relançamento da economia sem se cair no despesismo fácil. ➔ P21

A recuperação



**António
Rebelo
de Sousa**
Economista

Mau grado estar situado na área da esquerda democrática, como social-democrata moderado que pretendo ser, gostaria, como português que sou, que já estivéssemos na antecâmara da recuperação económica.

Melhor dizendo, gostaria que o ligeiro acréscimo do PIB registado no segundo trimestre do corrente ano, bem como a ligeira redução da taxa de desemprego, recentemente,

constatada, constituíssem sinais claros de que já teríamos chegado ao que se convencionou designar de “fundo do poço”, entrando-se, agora, numa fase de recuperação económica.

Mas, infelizmente, não creio que assim seja.

Em primeiro lugar e como o próprio ministro da Economia reconheceu, é preciso ter em conta o efeito sazonal.

Em segundo lugar, importa não esquecer que alguns cortes na despesa terão, necessariamente, que ser realizados e que os mesmos não deixarão de produzir efeitos sistémicos, no decurso de 2014.

Em terceiro lugar, as previsões do FMI e da OCDE para a economia europeia não se apresentam, particularmente, positivas (apesar de existirem indícios de recuperação para algumas economias de referência), pelo que dificilmente se tornará possível inverter o “ciclo da crise” a partir de um “export led growth model”.

Em quarto lugar, a implementação de medidas de incentivo ao investimento e à internacionalização da economia portuguesa - a partir, por exemplo, da

criação de uma nova instituição financeira para o desenvolvimento - demorará, ainda, muitos meses, não se afigurando previsível, no curto prazo, uma mobilização significativa de fundos estruturais.

E, em quinto lugar, entre o momento em que se inicia qualquer processo de recuperação económica e a constatação de uma redução da taxa de desemprego medeia, naturalmente, algum tempo, para além da reduzida sensibilidade da Lei de OKUN a taxas de crescimento do PIB rastejantes.

Daí que não esteja, particularmente, optimista com a presente situação.

Tenho, inclusive, uma grande dificuldade em compreender o optimismo de alguns.

Sou dos que entendem que se apresenta indispensável pensar, de forma responsável, nas alternativas existentes, num projecto de sociedade assente no relançamento da economia sem se cair no despesismo fácil e numa estratégia de desenvolvimento que se articule com a opção europeia e que vá ao encontro daqueles que são os grandes desígnios nacionais.

E manda a verdade reconhecer que essa é, também, uma responsabilidade do partido que corporiza a Oposição Democrática no nosso País.

O PS tem a responsabilidade de se assumir como alternativa credível, não apenas apresentando propostas concretas - como Seguro já tem vindo a fazer -, como, também, apresentando um projecto global com “consistência interna”.

E sabendo transmitir as grandes linhas orientadoras desse projecto global à opinião pública portuguesa.

Os portugueses têm, naturalmente, essa expectativa e o PS terá que estar à altura do momento difícil que atravessamos, encontrando as respostas necessárias.

Nem mais, nem menos... ■